

## PAULO FREIRE: EDUCADOR E HUMANISTA BRASILEIRO

Otília Mara Dill Al Hamawi<sup>1</sup>

Marlene Dill<sup>2</sup>

"Sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso, amo as pessoas e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo, que luto para que a justiça social seja implementada antes da caridade." Paulo Freire (1921-1979).

### **Paulo Freire: Educador reconhecido internacionalmente por seu método de alfabetização**

Quem é Paulo Freire? Paulo Regis Neves Freire nasceu em Recife, Brasil, em 19 de setembro de 1921. Foi ensinado a ler e escrever pela mãe, que o ensinou a escrever com pequenos gravetos no quintal da casa da família. Quando ele tinha 10 anos, a família mudou-se para a cidade de Jaboatão, cidade considerada distante do Recife devido às precárias condições de tráfego, cujo trajeto era feito quase que exclusivamente pela companhia de trens inglesa, a Great Western. Foi lá que a família Freire ficou instalada depois de perder tudo com o colapso da Bolsa de Valores de Nova York.

Foi lá também que, após perder o marido, Dona Tudinha passou boa parte da vida criando os filhos, viajando quase que diariamente para o Recife na esperança de conseguir uma bolsa de estudos para o pequeno Paulo. Após várias tentativas, seu filho foi aceito por Aluizio Pessoa de Araújo, diretor da Escola Oswaldo Cruz. Paulo Freire conheceu o mundo das dificuldades de viver com poucas economias, das dificuldades geradas pela viuvez precoce da mãe e das dificuldades que ele mesmo sentia para superar um mundo hostil aos pobres.

Ele também sentiu, aprendeu e viveu a alegria de jogar futebol, de ver as mulheres de cócoras lavando roupa. Foi lá que aprendeu a cantar e

---

<sup>1</sup> Docente habilitada em Letras Português e Inglês e suas respectivas literaturas Especialização no Ensino da Língua Inglesa. Doutorado em Educação pela Universidad Católica Santa Fé – UCSF - de Santa Fé de la Vera Cruz, Argentina. Professora de línguas na Rede de ensino Estadual e professora da Uceff desde 2002.

<sup>2</sup> Professora habilitada em História, atua na rede de ensino Estadual. Graduação em Gestão de Turismo. Pós-graduação em Gestão de Museologia com ênfase em cultura. Pós-graduação em Arqueologia. Pós-graduação em Antropologia e Patrimônio.

assobiar para tirar o estresse do seu corpo, aprendeu a dialogar, a se apaixonar e a amar; E nesse ambiente teve seu aprendizado extraído dos sofrimentos, dificuldades e alegrias que viveu intensamente.

Na adolescência começou a desenvolver um grande interesse pela língua portuguesa. Aos 22 anos, Paulo Freire começou a cursar Direito na Faculdade de Direito do Recife. Já na faculdade de Direito, casou-se com a professora primária Elza Maria Costa Oliveira. Com a esposa, teve cinco filhos e começou a lecionar na Escola Oswaldo Cruz, no Recife.

Em 1947 foi contratado para chefiar o Departamento de Educação e Cultura do SESI, onde teve contato com a alfabetização de adultos. Em 1958 participou de um Congresso Educacional na cidade do Rio de Janeiro. Nesta conferência, ele apresentou um importante trabalho sobre educação e princípios de alfabetização. De acordo com suas ideias, a alfabetização de adultos deveria estar diretamente relacionada ao cotidiano do trabalhador. Dessa forma, o adulto deveria conhecer sua realidade para poder inserir-se crítica e ativamente na vida social e política.

No início de 1964, foi convidado pelo presidente João Goulart para coordenar o Programa Nacional de Alfabetização. Após o golpe militar, o método de alfabetização de Paulo Freire foi considerado uma ameaça aos militares. Freire precisou pedir asilo político e deixar o Brasil aos 43 anos. Ele teve que viver longe de sua terra natal e família por mais de quinze anos. Desta vez, perdeu a mãe e muitos amigos, entre eles estão numerosos ativistas políticos, animadores dos "círculos de cultura" e monitores dos programas de alfabetização.

O pecado de Freire foi ensinar alfabetização para conscientização e participação política. Alfabetizar para que as pessoas saíssem da situação de serem domesticadas e exploradas e, assim, politizadas pelo ato de ler a palavra e reler criticamente o mundo.

Viveu exilado no Chile e na Suíça, onde continuou seus estudos na área da educação. Com sua participação, o Chile recebe uma distinção da UNESCO por ser um dos países que mais contribuíram - na época, para a superação do analfabetismo. Sua principal obra, Pedagogia do Oprimido, foi lançada em 1969. Nela, Paulo Freire detalha seu método de alfabetização de adultos.

Retornou ao Brasil em 1979, após a Lei de Anistia. Em 1986 recebeu o Prêmio Internacional de Paz e Educação da UNESCO. Foi agraciado como Doutor Honoris Causa por universidades de todo o mundo. Durante a gestão da prefeita Luiza Erundina em São Paulo, ocupou o cargo de secretário municipal de Educação. Após esse importante cargo, passou a assessorar projetos culturais na América Latina e na África. Paulo Freire foi autor das linhas da Pedagogia Humanista na América Latina. Morreu de infarto em 2 de maio de 1997, na cidade de São Paulo.

Paulo Freire foi reconhecido mundialmente por sua práxis educativa através de inúmeras homenagens. Além de ter seu nome adotado por diversas instituições, foi cidadão honorário em diversas cidades brasileiras e no exterior. Os conceitos e as ideias de Paulo foram influenciados pelo marxismo, existencialismo e fenomenologia.

É considerado um dos maiores pedagogos da atualidade e respeitado mundialmente. Pesquisas recentes apontam que há mais textos escritos em outras línguas do que em seu próprio país. Embora suas ideias e práticas tenham sido objeto das mais diversas críticas, é inegável sua grande colaboração em prol da educação popular.

Paulo Freire é autor de muitas obras consagradas e estudadas pelo mundo, cuja premissa é educar a todos através do diálogo.

### **Pedagogia do Oprimido e Pedagogia da Esperança**

A Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire é um dos textos sobre educação mais citados na atualidade, principalmente na América Latina e na América Latina.

Nesse mesmo livro, ele fornece uma justificativa para uma pedagogia do oprimido: introduz a noção altamente influente de educação bancária; destaca os contrastes entre formas de educação que tratam as pessoas como mercadorias e não como problemas; e explora a educação como ação cultural. A Pedagogia da Esperança começou como um novo prefácio à sua obra clássica, cresceu como um livro, escrito de forma direta e envolvente.

A atenção de Paulo Freire em mudar a forma do ensino foi de grande importância para aqueles pedagogos que trabalhavam tradicionalmente. A ideia de construir uma pedagogia do oprimido e como isso pode ser levado adiante

criou um impulso significativo para o trabalho. Os pedagogos informais tiveram uma orientação bem-vinda, com ênfase no ensino pela prática.

Situar as atividades educativas na experiência vivida pelos participantes abriu uma série de oportunidades e possibilidades para que os pedagogos informais pudessem colocá-las em prática foi o que mais alterou a educação. Trabalhar com pessoas alfabetizadas satisfaz sua preocupação em encontrar as palavras certas para criar novos comportamentos. A conscientização e a formação dos menos favorecidos levaram Freire a ser um dos primeiros exilados. Sua metodologia contribuiu para campanhas de alfabetização.

De forma diagramática, é possível afirmar que o "método Paulo Freire" é composto por três momentos dialéticos e interdisciplinares: A pesquisa temática na qual aluno e professor buscam, no universo vocabular do aluno e da sociedade em que vivem, as palavras-chave e os temas centrais de sua biografia; A tematização em que codificam e decodificam temas, buscando significado social, tomando consciência do mundo; e a problematização em que buscam superar uma primeira visão mágica com uma visão crítica, partindo da transformação do contexto vivido.

Na filosofia educacional freireana, dois aspectos fundamentais podem ser observados: o diálogo e a conscientização. O diálogo consiste na integração dos indivíduos de forma coerente e harmoniosa. É a valorização do conhecimento do educando e do educador. Além do conhecimento da realidade e de suas mudanças sociais, é necessário interagir com o processo de evolução, conscientizando por meio da análise crítica, fazendo parte do mesmo núcleo gerador dessa transformação.

Freire deixa claro o papel do trabalho na transformação do mundo e as consequências dessa transformação. Ele infere como necessidade que o grupo de alunos alfabetizados perceba que, se não fosse possível ao homem transformar o mundo que ele não fez, de que forma ele seria capaz de transformar esse mundo em um mundo de cultura e história. Para Freire, professor e aluno fazem parte desse mundo em transformação, em um contexto educacional onde ambos aprendem por meio de um processo de realizações e aprendizagem ao longo da vida.

Pedagogia do Oprimido e Pedagogia da Esperança são dois livros que se complementam. Este último foi escrito buscando demonstrar o que o primeiro expõe, reforçando as ideias centrais, a obstinação pela alfabetização de adultos que não se consideravam livres para aprender e a eterna difusão do diálogo como fator primordial para a educação correta.

Pedagogia da Esperança é um livro escrito com raiva e muito amor, porque sem isso não há esperança. Freire usa essas palavras para expressar seu desgosto com a opressão sofrida pelos adultos não alfabetizados em relação ao padrão que não lhes dá o tempo necessário para o aprendizado. Ele usa o livro em defesa da tolerância, sem sobrecarregá-lo com a convivência com os hábitos sociais existentes na época naquela região.

O livro apresenta momentos específicos identificados através de uma leitura concisa e minuciosa. No primeiro momento trata das tramas da infância, da juventude e do início dos escritos da Pedagogia do Oprimido, que já deixou marcados no título. São histórias levadas junto ao povo, sua cultura, sua língua, mesmo sendo uma língua tolhida, errônea e grosseira. Tudo isso faz do livro um momento especial e único de convivência plena entre o escritor e o letrado.

O outro momento é um retorno à Pedagogia do Oprimido, Freire volta a discutir questões desse tratado, analisando algumas críticas. E no terceiro e último momento, Freire fala longamente sobre as tramas que participaram da escrita do livro Pedagogia do Oprimido, revivendo e reconsiderando momentos singulares de sua trajetória como escritor do mesmo, sendo tramas e críticas tão atuais que não faz sentido consolidá-las em um único tempo, em um passado, mas em um tom muito marcante.

Um dos temas centrais da Pedagogia do Oprimido que gera grandes discussões é o da igualdade como fundamento e condição da ação pedagógica libertadora. Foi nesse ambiente que surgiu a famosa frase de Freire: "Ninguém educa ninguém. Ninguém se educa. Os homens são educados juntos, na transformação do mundo".

O mundo em que Freire se estabeleceu para gerar o livro era um mundo de pessoas aprisionadas ao trabalho, estudando irremediavelmente, ligadas a um padrão opressor que sugava toda a força e vitalidade delas, para que nunca pudessem ser livres. Paulo Freire queria o homem livre para que

puдesse participar da vida social e política de forma apropriada à sua vida. Isso só seria possível por meio do conhecimento.

Na verdade, os pescadores viviam uma grande contradição. Por um lado, sentiam-se livres e expulsos, de frente para o mar, convivendo com seus mistérios. Por outro lado, foram perversamente despojados e explorados, tanto pelos atravessadores que lhes compraram o produto do seu trabalho árduo à toa. (Freire, 1992, pág. 19)

"Às vezes, ouvindo-os, em conversas com eles, aprendi algo de sua sintaxe e semântica... Eu me perguntava se eles percebiam o quão presos eles realmente eram" (Freire, 1992, p. 19)

A Pedagogia do Oprimido serviu de base para os dois movimentos mais significativos da teoria educacional atual: a pedagogia crítica e a pedagogia cultural, inspiradas em seu conceito de consciência e no conceito de experiência de John Dewey.

O livro foi escrito em um momento de grande crítica educacional, foi uma resposta convincente aos movimentos de protesto dos estudantes do mundo adulto, operando uma curiosa contradição: o educador do mundo subdesenvolvido, com suas teorias construídas sobre a prática da pobreza do terceiro mundo, sendo a válvula propulsora da libertação do mundo crescido.

Freire ouviu tudo e todos para poder aprender-ensinar, sistematizar uma nova forma de pensar a educação e poder interferir na vida político-social. Não estava satisfeito com o que era dito, pensado e praticado no campo educacional e na sociedade em geral. O ato de ouvir supera o ato de escutar. É também um dado, porque incorpora, ouvindo, sentindo, refletindo e sistematizando o que ouve.

Compreendeu - desde cedo, que era inútil despejar discursos sobre estudantes, fazendo "bancas" com consciências. À medida que o "modelo bancário" capitalista de educação gera cada vez mais males, muitos educadores liberais começam a olhar para a pedagogia freireana como uma alternativa. Não há mais o argumento de que a pedagogia freireana é apropriada apenas para contextos do Terceiro Mundo.

Em A Pedagogia do Oprimido, Freire trabalha com as diferenças entre a pedagogia do dominante e a do oprimido. A dominante, da burguesia,

representa a pedagogia bancária, em que a educação se torna um ato de depositar e saber que é uma doação daqueles que se consideram sábios. Seu objetivo é manter a divisão entre oprimidos e opressores. Nega dialogicidade.

Ao criticar a educação bancária, Freire apresenta uma teoria dialógica e um método de problematização que devem ser recriados para que a educação libertadora se ajuste às condições de cada localidade.

Em contraste com a educação bancária, a educação problematizadora mergulha na relação dialógico-dialética entre educador e educando, na qual ambos aprendem juntos. O diálogo é uma experiência existencial, que possibilita a comunicação e nos permite ir além do que vivenciamos imediatamente. Para exercitar o diálogo, o educador não pode deixar de se colocar na posição daquele que se pretende detentor do conhecimento. Isso permite que ele reconheça que todos têm um certo acúmulo de experiências de vida e, portanto, todos têm algum tipo de conhecimento.

Para Freire, o ser humano é um ser histórico, portanto está imerso em condições sociotemporais, ou seja, estando nessa situação, quanto mais refletir sobre sua existência, mais poderá se influenciar e ser mais livre. Esta filosofia baseia-se nos seguintes pressupostos:

- \* Toda ação educativa deve ser precedida de uma avaliação do homem e de uma análise da realidade de vida entre os educandos;

- \* A educação deve levar a educação a um plugue de consciência e atitude crítica que inclua o compromisso com a ação;

- \* A educação, com seus programas e métodos, deve consistir em fazer com que a pessoa se torne sujeito, construa-se como pessoa, transforme o mundo, mantenha relações de reciprocidade com os outros, divulgue sua cultura e sua história.

- \* o quanto o homem se integra às condições de seu contexto de vida, faz uma reflexão e alcança respostas aos desafios que se colocam, criando sua cultura;

- \* O homem é o criador da cultura e faz sua história como ele criou e decide as fases são formadas;

É necessário que a educação capacite o homem a tornar-se sujeito de sua própria cultura.

Dessas ideias emergiram os principais conceitos que foram utilizados na educação: liberdade, humanização, conscientização, diálogo, cultura, ponderação crítica e problematização.

Freire entendia que sua proposta era muito mais uma Teoria do Conhecimento do que uma Teoria do Ensino. Muito mais um método de aprendizagem do que um método de ensino. Sua proposta de educação popular, em um contexto de exclusão, parte do estudo da realidade (a elocução do educando) e da organização dos dados (a elocução do educador).

É nesse processo que emergem os temas gerativos, extraídos da problematização da prática da vida dos educandos. Os conteúdos desse ensino são resultado de uma metodologia dialógica.

Antes de mais nada, é preciso conhecer a realidade do que está sendo educado. Conhecê-lo como um indivíduo inserido em um contexto social onde o conteúdo a ser trabalhado deve sair. Dessa forma, ele trabalhou na alfabetização de adultos em Angicos, Brasil. A relação educador-educando, nessa perspectiva, se estabelece na horizontalidade, onde juntos se posicionam como sujeito do ato de conhecimento.

O método Freire tem como fio condutor a alfabetização com vistas à liberdade. Liberdade nos campos cognitivo, social e político. Para tanto, Freire apresenta três princípios que constituem esse método: uma politização do ato educativo: um dialogicídio do ato educativo e educador e educar no mesmo nível - horizontalidade.

Freire propõe uma metodologia que promove o debate entre homem, natureza e cultura; entre o homem e o trabalho; o homem e seu mundo. Trata-se de uma metodologia dialógica que o homem tem à sua disposição para viver seu tempo, com suas contradições e conflitos existentes, e a consciência da necessidade de interferir em seu tempo presente para a construção e efetivação de um futuro melhor.

Acredita-se que a Pedagogia do Oprimido representa, no campo pedagógico, um ponto de confluência dessas inúmeras práticas e ponderações que vêm ocorrendo. Paulo Freire usou uma linguagem peculiar para dizer o que muitos diziam em fragmentos e outros tentavam pesquisar.

O livro também não tem uma única explicação, nem um único significado, nem uma explicação correta e única. É mais um ponto de encontro



de educadores de diferentes áreas que buscam um antro e apoio para sua práxis. Há no livro uma universidade que se origina de sua radicalização ao optar por um projeto político alternativo, impulsionado pelos setores marginalizados e excluídos.

A Pedagogia do Oprimido apresenta um modo diferente de fazer pedagogia. Por meio do livro, Freire escancara plenamente o fato da não neutralidade pedagógica e assume claramente o lugar social de onde essa pedagogia é feita. Como o próprio Freire confirma em Pedagogia do Oprimido: "Seu ponto de vista é o dos miseráveis da Terra, dos excluídos".

Essa constatação implica não apenas um novo conteúdo para a pedagogia, mas uma nova forma de fazer pedagogia. O intelectual não é alguém que, como estrangeiro, elabora princípios e estratégias a serem aplicadas à realidade, mas aquele que empresta seus sentidos, seus conhecimentos e instrumentos para a elaboração e sistematização daquela pedagogia que é dos oprimidos e não dos oprimidos.

A própria pedagogia é, com isso, desafiada a se reinventar, já que nem a realidade nem a opressão são grandezas e conceitos estáticos. É o que afirma Paulo Freire ao mostrar como a Pedagogia do Oprimido se transforma ou se prolonga na Pedagogia da Esperança. É a mesma pedagogia porque se mantém fiel a um 'núcleo duro' constituído pela escolha de uma pedagogia diferente, porque os problemas exigem respostas novas ou outras.

Usa-se como grande exemplo a Pedagogia da Esperança, que retrata o fim dos sonhos de mudança revolucionária na forma como foram colocados nos anos 60 e 70. Na esteira da década perdida no país e da hegemonia indiscutível do capitalismo na forma do neoliberalismo, a única coisa que restava a fazer era educar a própria esperança, muitas vezes a única coisa que ainda sobrava para alguém que via o mundo se globalizando sobre sua cabeça.

Da mesma forma que a realidade se revela e se oculta, também a pedagogia está agora nesse constante processo de reconstrução. Freire elabora sua pedagogia dentro dessa dinâmica de autorrevelação da prática educativa, rompendo a dicotomia teoria-prática por meio de um processo em que a prática se sobrepõe à teoria e se revela na prática. Dessa forma,

descobrem-se sujeitos do mesmo processo pedagógico que educadores e educadoras.

Em *A Pedagogia do Oprimido*, Freire argumenta que vale a pena lutar pelos elementos radicais de uma democracia, que a educação crítica é um elemento básico na mudança social e que a ideologia política é inseparável de nossa compreensão do mundo, do poder e do tipo de vida moral a que aspiramos.

Rever a obra de Paulo Freire, retomando sua contribuição para o campo da alfabetização de jovens e adultos, é a coisa certa a se fazer hoje. Apontar as considerações ainda atuais do livro *Pedagogia do Oprimido*, dos anos 1960, e reafirmar as convicções do autor em *Pedagogia da Esperança* e *Pedagogia da Autonomia*, escrito na década de 1990, chama a atenção de educadores de jovens e adultos para a atualidade do pensamento freiriano no contexto da realidade brasileira.

O reencontro com Freire é a experiência de dialogar com a pessoa que produziu reflexões sobre teoria e prática na educação de jovens e adultos, sua vida é o que ele mesmo chamou de "conhecendo-a a partir da experiência". É, ao mesmo tempo, um convite para que os professores que trabalham na alfabetização e educação de jovens e adultos revisitem e reflitam sobre sua própria prática.

*A Pedagogia do Oprimido* representa uma síntese da compreensão freireana da vida humana, construída a partir de um diálogo frequente entre o autor e ele mesmo e alguns interlocutores, com os quais teve a oportunidade de dividir a difícil experiência dos primeiros quatro anos de exílio no Chile. O método de elaboração, utilizando fichas indicadoras que retiravam as considerações prementes do autor, sobre o aprendizado entre as populações mais pobres da periferia pernambucana, enfrentando e relendo essa realidade com a ajuda de autores como Marx, Lukács, Fromm, Gramsci, Fanon, Memmi, Sartre, Kosik, Agnes Heller, M. Ponty, Simone Weill, Arendt, Marcuse...

Distanciar-se do vivido para pensá-lo, buscar os elos entre as tramas do cotidiano, elaborar uma interpretação da realidade, esses foram os passos seguidos por Freire que resultaram na visão de mundo que ele expressa no livro. Um conceito básico em sua obra é o do ser humano que produz sua realidade, constituindo sua humanidade na relação com o outro, no diálogo

com o outro. Isso só é possível se esse sujeito histórico reconhecer sua condição de oprimido e a necessidade de superação dessa condição.

A humanização e a desumanização, dentro da história, em um contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inacabados e conscientes de sua inconclusividade (Freire, 1993, p. 30).

Na radicalidade do pensamento freiriano há a ênfase na relação entre ler o mundo e engajar-se no processo de mobilização e organização pela defesa dos direitos, pela demanda por justiça, por toda e qualquer luta. No capítulo três do livro , *Pedagogia do Oprimido* é um exercício de construção metodológica que visa contribuir com educadores que buscam a educação como prática de liberdade. Não é tarefa simples fazer com que os educandos se vejam capazes de conhecer, da mesma forma que o educador é capaz de saber, e que entre os dois, ensinar e aprender são momentos desse processo maior de acesso e produção de conhecimento.

A busca pelo aprimoramento da educação bancária, para Freire, exige que o educador esteja imerso na realidade em que está atuando, que ela revele suas tramas e se posicione diante dessa realidade. Comece essa busca por si mesmo, identifique sua história de vida, reconheça os momentos em que viveu a condição de opressor e oprimido, reconheça-se enquanto sendo de contradições, a fim de ajudar os alunos a fazerem o mesmo. A forma como esse educador medeia a produção de conhecimento dos educandos também é fator decisivo para que eles se reconheçam como produtores de conhecimento.

Para os ingênuos pensarem, o importante é se acomodar ao que é normalizado hoje. Para o crítico, a transformação permanente da realidade, para a humanização permanente dos homens. (...) Somente o diálogo, que implica pensamento crítico, também é capaz de gerá-lo. Sem ela não há comunicação e sem ela não há verdadeira educação (Freire, 1993, p. 83).

Há outras perspectivas importantes e necessárias que podem ser feitas na *Pedagogia do Oprimido*. Essa é uma tarefa de todo educador alfabetizador e educador de jovens e adultos, que pode seguir o caminho do autor, que pegou suas planilhas diversas vezes, desde anotações até o formato do livro publicado. Para Freire, retomar as cartas significava enfrentar o que viveu e aprendeu e retrabalhá-lo; retomar a leitura do livro é deixar que suas ideias provoquem preocupação no trabalho diário como professores.

Paulo Freire, em 1992, apresenta um reencontro com a Pedagogia do Oprimido no livro Pedagogia da Esperança. Já nas primeiras palavras do livro, Freire retoma o que considera ainda importante enfatizar em relação à esperança:

Pensar que só a esperança transforma o mundo e agir a partir de tamanha ingenuidade é uma excelente maneira de afundar no desespero, no pessimismo e no fatalismo. Mas prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo, como se a luta pudesse ser reduzida a atos calculados apenas à pura cientificidade, é uma ilusão frívola. (...) A conclusão é que a esperança precisa ser ancorada na prática (Freire, 1992, p. 10-11).

Esta obra representa um exercício de memória de sua trajetória, remontando aos primórdios da advocacia; atuação nos centros e centros sociais do SESI; a experiência de aprendizado com pescadores, camponeses e trabalhadores urbanos, nos morros e barrancos do Recife; o contato, no Chile, com os camponeses que já tinham uma consciência clara do opressor. Essa trajetória de vida resultou na Pedagogia do Oprimido: "conhecendo-a a partir da experiência feita".

Um objetivo claro de Paulo Freire é reafirmar sua crença no homem como produtor de sua história. Mesmo em um contexto de tanto desânimo, onde visões como o fim da história, fatos imutáveis e a busca de soluções individualizantes para os problemas da humanidade, é preciso afirmar a necessidade de buscar um radicalismo crítico. Mais do que isso, a natureza diretiva e política da educação deve ser novamente questionada, e o papel dos educadores e educandos deve ser retomado

Uma importante contribuição da Pedagogia da Esperança, relendo a Pedagogia do Oprimido, para alfabetizadores e educadores de jovens e adultos, é refletir sobre conceitos fundamentais da prática cotidiana, como a alfabetização:

Quem procura cursos de alfabetização de adultos quer aprender a escrever e ler frases, palavras, quer se alfabetizar. A leitura e escrita das palavras, no entanto, passa pela leitura do mundo. "Ler o mundo é um ato anterior à leitura da palavra. O ensino da leitura e da escrita da palavra na ausência do exercício crítico da leitura e da releitura do mundo é, científica, política e pedagogicamente, capenga (Freire, 1992, p. 79)."

No contexto em que tantas práticas de letramento de jovens e adultos são reconquistadas, mesmo induzidas pelo poder público, a questão é se existe a condição compreender o desafio proposto por Freire, de compreender a alfabetização para além da aquisição e produção de conhecimento cognitivo, que ainda é necessário e essencial. Conseguir sair da armadilha de procurar a "receita ideal" para alcançar a alfabetização (começando com texto, palavras, frases...), e chegar ao sujeito cognoscente esse será um reencontro do educador e do educando como sujeitos produtores de sua realidade

Na reflexão de Freire, em diálogo em muitos trechos do livro com sua experiência como secretário municipal de Educação de São Paulo, há muitas outras questões que não foram superadas e ainda hoje são colocadas para os educadores. Como superar a ideologia elitista autoritária da formação de educadores? Como buscar, enquanto profissional, o difícil exercício da humildade, da coerência, da tolerância, sem deixar de ser crítico? Como entender o processo de definição de conteúdos, de construção do currículo, enfim, como é uma prática coletiva entre educadores e educandos?

De certa forma, Freire desloca essas e muitas outras preocupações sobre a prática educativa em sua última obra publicada antes de sua morte, em 1997, a *Pedagogia da Autonomia*. Este "pequeno" livro (uma edição em brochura) sintetiza, num diálogo muito pedagógico, dirigido aos educadores, a *Pedagogia do Oprimido* e a *Pedagogia da Esperança*.

Já certo da grande contribuição de suas obras para a construção de uma pedagogia diferente no Brasil, Freire encerrou suas publicações em vida, comprovando, mais uma vez, em *Pedagogia da Autonomia*, a importância do "conhecimento da experiência feita". Fica o convite a cada alfabetizador para a leitura deste livro, que motivará debates profícuos nos encontros de formação continuada.

## REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992,**  
\_\_\_\_\_. ***Pedagogia da autonomia*: Saberes necessários à prática educativa. Paz e Terra. 1996**